

# Violência exercida por parceiro íntimo nos adolescentes: conhecimentos e estratégias de resolução de conflitos

## Intimate partner violence in adolescents: knowledge and conflict resolution strategies

Neto Leitão, Maria<sup>1</sup>  
Marques Silva, Armando Manuel<sup>2</sup>  
Borges Moreira, Isabel Maria<sup>3</sup>  
Coelho Dixe, Maria dos Anjos<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de Coimbra / UCP-ESMOG, Coimbra, Portugal, [mneto@esenfc.pt](mailto:mneto@esenfc.pt)

<sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de Coimbra / UCP-ESFC, Coimbra, Portugal, [armandos@esenfc.pt](mailto:armandos@esenfc.pt)

<sup>3</sup>Escola Superior de Enfermagem de Coimbra / UCP-EMC, Coimbra, Portugal, [imoreira@esenfc.pt](mailto:imoreira@esenfc.pt)

<sup>4</sup>Instituto Politécnico de Leiria / Centro de Cuidados Inovadores e Tecnologia em Saúde, Leiria, Portugal, [maria.dixe@ipleiria.pt](mailto:maria.dixe@ipleiria.pt)

### RESUMO

*Introdução:* A violência por parceiro íntimo (VPI) é um grave problema de saúde pública, com elevadas repercussões na saúde. Recentemente tem sido objeto de investigação e intervenção entre jovens. A WHO recomenda o desenvolvimento de estratégias para a prevenção primária em fases precoces da vida, pois é na adolescência que se iniciam as primeiras relações de intimidade.

*Objetivos:* Identificar os conhecimentos e as estratégias de resolução de conflitos nas relações de intimidade entre adolescentes e analisar a relação entre a utilização de estratégias abusivas, com a idade, sexo e nível de conhecimentos sobre VRI.

*Metodologia:* Estudo observacional correlacional. Participaram 152 estudantes portugueses do 9º ano de escolaridade, maioritariamente do sexo masculino (63,2%) com uma média de idades de  $14,9 \pm 1,1$  anos. Aplicado um questionário para caracterização sociodemográfica, CVRI-S e a CADRI.

*Resultados:* Os adolescentes referem comportamentos de vitimização e perpetração com frequências similares entre os sexos. Os mais velhos e os do sexo masculino relatam mais frequentemente estratégias de resolução de conflitos abusivos como vítimas ( $p < 0,01$ ) e como perpetradores ( $p < 0,01$ ). Os adolescentes com mais conhecimentos sobre VRI têm menor frequência de comportamentos de vitimização ( $p < 0,05$ ) e perpetração ( $p < 0,05$ ).

*Conclusão:* Atendendo à prevalência do fenómeno e sabendo que é preditora da violência doméstica deve-se dar ênfase a intervenções da prevenção primária da VPI, salientando-se as diferenças de género, idade, conhecimentos e estratégias. Sendo a violência um foco de atenção sensível a cuidados de enfermagem, os enfermeiros devem dar prioridade a intervenções neste domínio.

*Palavras-chave:* Violência por parceiro íntimo; adolescentes; prevenção primária; cuidados de enfermagem.

## ABSTRAT

*Introduction:* Intimate partner violence (IPV) is a serious public health issue with a high impact on health. It has recently been the object of research and intervention with young people. WHO recommends the development of primary prevention strategies in early stages of life because it is during adolescence that the first intimate relationships begin.

*Objectives:* To identify the knowledge and conflict resolution strategies in intimate relationships among adolescents and analyze the association between the use of abusive strategies and age, gender, and level of knowledge about IPV.

*Methods:* An observational, correlational study was conducted with 152 Portuguese 9<sup>th</sup>-grade students (63.2% of boys). Participants' mean age was  $14.9 \pm 1.1$  years. A sociodemographic characterization questionnaire, CVRI-S, and CADRI were applied.

*Results:* Adolescents reported victimization and perpetration behaviors with similar frequency between the sexes. Older adolescents and male adolescents reported strategies for resolving abusive conflicts as victims ( $p < 0.01$ ) and as perpetrators ( $p < 0.01$ ) more often. Adolescents with more IPV knowledge had a lower frequency of victimization ( $p < 0.05$ ) and perpetration ( $p < 0.05$ ) behaviors.

*Conclusion:* Given the prevalence of the phenomenon and knowing that it is a predictor of domestic violence, priority should be given to IPV primary prevention interventions, highlighting differences related to gender, age, knowledge, and strategies. Violence is a focus of attention sensitive to nursing care, thus nurses should implement more interventions in this area.

*Keywords* – Intimate partner violence; adolescents; primary prevention; nursing care

## I. INTRODUÇÃO

A violência exercida por parceiro íntimo (VPI) é um problema que tem impregnado as sociedades ao longo da história. É definida como "um comportamento de um parceiro íntimo que causa danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controlo" (WHO, 2013, p. vii). Este comportamento procura estabelecer e manter o controlo sobre o parceiro íntimo. Para além de um grave problema de saúde global, é, também, uma violação dos direitos humanos que interfere com a plena participação das pessoas na sociedade e no desenvolvimento social e económico dos respetivos países.

A VPI é um problema que atravessa todos os grupos socioeconómicos, religiosos e culturais e tem um impacto significativo na vítima, na família e na comunidade. Dependendo da gravidade e da frequência do ato, provoca alterações físicas, psicológicas e sexuais, que influenciam o projeto de vida e de saúde da pessoa (WHO, 2013; Schub, 2016). Dados obtidos numa revisão sistematizada de literatura estimam que 30% das mulheres sofreram violência física e/ou sexual perpetrada pelos seus parceiros íntimos, pelo menos uma vez na sua vida. Os agressores mais comuns são parceiros (ou ex-parceiros) íntimos do sexo masculino (WHO, 2013).

A investigação nesta área tem-se focado nas relações entre adultos e só nas duas últimas décadas é que o foco se tem direcionado para os mais jovens. Numa revisão de literatura realizada em 2008 sobre VPI nas relações entre jovens Caridade (2008), verificou a existência de uma produção científica internacional nas duas últimas décadas que permite comprovar que se mantém como um fenómeno comum e transversal a nível mundial, nas diferentes culturas e grupos étnicos, quer ao nível da vitimização, quer da perpetração, ainda que apresente indicadores de prevalência diferentes. A autora concluiu que a VPI não é um fenómeno exclusivo das relações maritais, sendo preponderante a violência psicológica (dos 49% aos 96%) normalmente desvalorizada, o que promove a manutenção das relações abusivas e a eventual escalada nos maus tratos praticados. A violência física oscilou entre 7,8% e os 59%. Relativamente à violência sexual verificaram-se índices de prevalência entre os 6,5% e os 59%. Analisando a prevalência em função do género dos inquiridos a grande maioria dos estudos (80%) sugere indicadores de vitimização feminina superiores (entre 28% e 39%) à masculina (10,5% a 19,3%, estimados para 70% dos estudos). Contudo, para alguns estudos o inverso também é verdade, ou seja, verifica-se uma prevalência de vitimização maior entre os rapazes e de perpetração entre as raparigas. Por todos os resultados encontrados, a autora conclui que ainda que os padrões de vitimização e perpetração da violência nas relações de intimidade juvenis apresentem menos diferenças de género comparativamente às relações maritais e alguns resultados pareçam apoiar a tese da paridade da violência, esta está longe de ser uma leitura unânime entre os diferentes estudos.

Relativamente à VPI entre os jovens verifica-se que a investigação em Portugal não é representativa da população jovem nacional. Contudo, os resultados obtidos são convergentes entre os diferentes estudos e corroboram os resultados internacionais – anteriormente referidos - ou seja, a VPI existe não só entre os jovens adultos, mas também entre os adolescentes (Caridade, 2008).

Ao nível nacional num estudo realizado em 2013, com jovens com uma média de idade de 14 anos, os autores verificaram que 35% dos jovens já foram vítimas de alguma forma de

violência: 12% de violência verbal, 8% de violência psicológica e 4,5% de violência física (Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira, & Ribeiro, 2015).

Estes dados, pela sua magnitude, evidenciam que a VPI entre adolescentes é, também, um fenómeno grave, envolve vários fatores e merece uma atenção específica, pois a violência praticada nas relações de namoro é preditiva da violência na conjugalidade. À semelhança da VPI entre adultos, a VPI entre adolescentes atravessa e entranha-se em todos os grupos e segmentos das sociedades, está atravessada por questões culturais, em permanente tensão, bem como, produz e reproduz modelos e modos de ser e de estar no mundo e especificamente nas relações de intimidade (Minayo et al, 2011).

A adolescência configura-se como um período da vida de grande potencial e ao mesmo tempo de significativa vulnerabilidade. É assumida como uma etapa estratégica para a promoção de relações de intimidade saudáveis e para a prevenção e o enfrentamento da VPI (Leitão, M., Fernandes, M., Fabião, J., Alegre de Sá, M., Veríssimo, C., & Dixe, M., 2013).

As experiências de VPI entre adolescentes tanto para Minayo et al. (2011) como para a WHO (2013) têm impacto na saúde física, psicológica e sexual e sugerem a construção de medidas de intervenção que ajudem a construir relações mais saudáveis e sem violência. Como atores de referência para proporcionar esta ajuda, são referidos os pais, os professores e os profissionais de saúde, que os poderão ajudar a compreender o problema, a superar os conflitos inter-relacionais e estimular relacionamentos afectivos promotores de bem-estar. Por outro lado, a intervenção na adolescência pode levar a mudanças nos comportamentos ao nível das relações de intimidade futuras (Bowen & Walker, 2015).

Os objetivos deste estudo são: identificar as estratégias de resolução de conflitos nas relações de intimidade entre adolescentes; e analisar a relação entre a utilização de estratégias abusivas, com a idade, sexo e nível de conhecimentos sobre VPI.

## II. MÉTODOS

Para conhecer as características da VPI entre adolescentes optou-se por uma investigação de abordagem metodológica de natureza quantitativa, descritiva e exploratória, tendo como objeto de estudo a VPI na adolescência.

A colheita de dados foi realizada através de um questionário constituído por quatro partes: 1 - caracterização dos fatores sociodemográficos, académicos e familiares; 2 - caracterização das relações afetivo-, incluindo questões em que o adolescente caracteriza uma relação de intimidade que mantém no momento em que os dados são colhidos, ou uma relação que teve no passado. Sobre essa relação foi solicitada a idade e sexo do/a parceiro/a, a duração do relacionamento, a existência de discussões e de alguma natureza de vitimização ou perpetração de violência; 3 - o Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI) - adaptado do inventário Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory, (Wolfe et al., 2001). Este inventário foi validado para Portugal por Saavedra (2010); 4 - A Escala de conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade (CVRI-S), construída em Portugal e validada para a população portuguesa (Leitão et al., 2013).

A CADRI (Wolfe et al., 2001) é um inventário dirigido a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos com experiência atual ou passada de relações de intimidade (afetivo-sexuais). É constituída por 35 itens – cada um com uma dupla afirmação – que permitem estabelecer a distinção entre o comportamento próprio e o comportamento do/a parceiro/a. Este instrumento permite avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas. Permite ainda avaliar as formas específicas de vitimização e perpetração de violência física, violência sexual e violência psicológica. A CADRI está

dividida em duas subescalas: uma que permite a avaliação de estratégias de resolução de conflitos positivas e outra que avalia as estratégias de resolução de conflitos abusivas (Saavedra, 2010).

A CVRI-S é dirigida a adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos e avalia os conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade (Leitão et al., 2013). O conhecimento é tido como uma variável qualitativa nominal e corresponde aos conhecimentos que os/as participantes detêm acerca de violência nas relações de intimidade e é operacionalizada através de 47 proposições com alternativa de resposta verdadeira (V) ou falsa (F).

O estudo foi realizado na região centro de Portugal, nos municípios de Ansião e Ourém. Participaram três instituições de ensino. Na investigação participaram adolescentes selecionados por conveniência, a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser estudante das escolas referidas; ter idade compreendida entre 14 e 18 anos; ser estudante do 9º ou 10º ano de escolaridade; ter autorização dos pais / encarregados de educação; e aceitar participar voluntariamente. A colheita de dados aconteceu de maneira anónima e autoaplicável, no ano letivo 2015/2016, por turma e utilizando um tempo letivo de 50 minutos, após acordo com a instituição escolar, sob supervisão da equipa de investigadores/as.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com recurso do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®), versão 21 para Windows. Foram utilizadas técnicas de estatística descritiva: frequências absolutas (Nº) e relativas (%), medidas de tendência central (m) e medidas de dispersão e variabilidade (dp, mínimos e máximos). Para compreender se as diferenças entre as variáveis em estudo são estatisticamente significativas utilizou-se a estatística inferencial adequada ao tipo de variável, nomeadamente Qui quadrado, U de Mann-Whitney e Correlação de Spearman.

Em todo o processo de investigação foram salvaguardados os princípios éticos e legais exigíveis na investigação científica, especificamente com pessoas menores. De acordo com a legislação portuguesa, os dados colhidos em escolas públicas exigem o registo prévio e parecer favorável da Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD) e autorização do Ministério da Educação através da Direção Geral de Educação. Assim, o projeto foi registado na CNPD em setembro de 2015. Após análise e parecer favorável desta comissão foi submetido o pedido de autorização, pela Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA:E) ao Ministério da Educação, a partir do registo no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME) em outubro de 2015. O projeto recebeu parecer favorável da Comissão de Ética da UICISA:E da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (PNº 296/09/2015). Aos pais / encarregados de educação dos/as estudantes após informação sobre o estudo, foi solicitada autorização para a participação. Foi fornecida cópia do consentimento informado com a assinatura dos/as investigadores/as, bem como, os seus contatos. Aos estudantes cujos pais / encarregados de educação tinham autorizado a participação, foi ainda solicitado, no momento da colheita de dados, documento para o seu consentimento informado, que foi assinado por todos/as os/as participantes.

### III. RESULTADOS

O número de adolescentes participantes no estudo foi de 152, sendo maioritariamente do sexo masculino (63,2%), a quase totalidade são portugueses (98,7%), residem

maioritariamente em zona rural (77,6%), são católicos (69,3%). A média de idades situa-se nos  $14,96 \pm 1,1$  anos, sendo o grupo com 14 anos o mais prevalente (36,2%).

A maior parte dos adolescentes namorava (ou tinha namorado) com pessoas de sexo diferente, iniciou relações de namoro com  $11,3 \pm 2,8$  anos, em média. A idade média (idade do início do namoro) foi idêntica para os adolescentes do sexo masculino e para as adolescentes ( $U=1814,5$ ;  $p=0,599$ ).

A percentagem de adolescentes do sexo masculino que já tinham iniciado a atividade sexual foi superior à das adolescentes, respectivamente 34,8% e 14,5%. Estas diferenças revelaram-se estatisticamente significativas ( $p<0,01$ ).

A média de idades de início da atividade sexual foi de  $13,8 \pm 1,9$  anos, sendo que os adolescentes do sexo masculino iniciaram mais cedo ( $13,5 \pm 1,9$ ) a atividade sexual do que as adolescentes ( $15,0 \pm 1,5$ ), não tendo a diferença significado estatístico ( $U=73,500$ ;  $p=0,133$ ).

Na segunda parte do questionário da caracterização das relações afetivo-sexuais, solicitámos aos participantes que ao responderem o fizessem em função de uma (única) pessoa com a qual tivessem namorado (atualmente ou no passado). Em relação à idade do parceiro/a selecionado/a, houve predomínio de parceiros/as com a mesma idade tanto para os adolescentes (54,5%) como para as adolescentes (51,9%). A média de idade dos adolescentes quando iniciaram a relação com a pessoa selecionada foi de  $13,6 \pm 2,1$ , sendo que a das adolescentes foi de  $13,6 \pm 2,3$  e a dos adolescentes do sexo masculino foi de  $13,7 \pm 1,9$  ( $U=1418,000$ ;  $p=0,75$ ). Em média os participantes namoram ou namoraram  $5,6 \pm 6,3$  meses, sendo que os adolescentes do sexo masculino namoram ou namoraram menos tempo que as adolescentes, não tendo as diferenças significado estatístico ( $U=1418,00$ ;  $0,92$ ).

No que se refere à CADRI dos 152 participantes do estudo, 93,8% dos adolescentes do sexo masculino e 92,9% das adolescentes referiram perpetrar pelo menos uma das naturezas de abuso / violência mensuradas neste estudo. No que se refere à violência sofrida, 99,0% dos adolescentes do sexo masculino e 96,4% das adolescentes afirmaram ter vivenciado pelo menos uma das naturezas de violência, não tendo estas diferenças significado estatístico.

Os adolescentes que sofreram violência verbal/emocional apresentaram as maiores frequências de perpetração e vitimização. Destacam-se também os elevados percentuais de violência sexual sofrida e perpetrada e de ameaças sofridas e perpetradas. Salientamos que em ambas as situações e tipos de violência as diferenças têm significado estatístico ( $p<0,01$ ).

Na tabela 1 apresentamos os valores da média e do desvio padrão das subescalas de perpetração e de vitimização. Encontramos diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos adolescentes em todas as subescalas da violência - tanto da perpetrada como da sofrida - sendo que as médias referentes aos adolescentes do sexo masculino são superiores às das adolescentes, em todos os tipos de violência.

Tabela 1 – Médias e desvios padrão de perpetração e vitimização por sexo dos adolescentes e subescalas da CADRI.

| Natureza da violência   |            | Masculino |       |     | Feminino |       |     | p    |
|-------------------------|------------|-----------|-------|-----|----------|-------|-----|------|
|                         |            | n         | media | Dp  | n        | media | Dp  |      |
| Violência sexual        | Perpetrada | 96        | 5,5   | 5,4 | 56       | 2,8   | 4,9 | ,002 |
|                         | Sofrida    | 96        | 5,4   | 5,4 | 56       | 2,6   | 4,7 | ,001 |
| Comportamento ameaçador | Perpetrado | 96        | 5,7   | 5,7 | 56       | 2,8   | 5,0 | ,003 |
|                         | Sofrido    | 96        | 5,7   | 5,7 | 56       | 2,8   | 4,9 | ,002 |
| Violência relacional    | Perpetrada | 96        | 4,2   | 4,3 | 56       | 2,1   | 3,7 | ,006 |
|                         | Sofrida    | 96        | 4,2   | 4,2 | 56       | 2,1   | 3,7 | ,003 |

|                       |            |    |      |      |    |      |      |      |
|-----------------------|------------|----|------|------|----|------|------|------|
| Violência emocional   | Perpetrada | 96 | 14,3 | 12,3 | 56 | 7,7  | 10,3 | ,006 |
|                       | Sofrida    | 96 | 14,2 | 12,1 | 56 | 7,9  | 10,2 | ,005 |
| Violência física      | Perpetrada | 96 | 5,8  | 5,7  | 56 | 2,8  | 4,8  | ,005 |
|                       | Sofrida    | 96 | 5,8  | 5,6  | 56 | 2,9  | 4,8  | ,006 |
| Comportamento Abusivo | Perpetrado | 96 | 35,6 | 33,3 | 56 | 18,4 | 28,6 | ,011 |
|                       | Sofrido    | 96 | 35,5 | 32,7 | 56 | 18,4 | 28,3 | ,005 |

Os dados obtidos também permitiram verificar o número de adolescentes que afirmaram sofrer e perpetrar (simultaneamente) determinada natureza de violência. Assim, entre os adolescentes que afirmaram sofrer ou perpetrar algum tipo de violência, a verbal-emocional foi a mais referida quer pelos adolescentes do sexo masculino, quer pelas adolescentes (88,5% e 85,7%, respetivamente). A violência verbal-emocional foi a única natureza de violência em que não se verificaram diferenças com significado estatístico.

No que se refere às estratégias de resolução de conflitos, os resultados encontrados permitem constatar que os *scores* médios de estratégias de resolução de conflitos negativas e positivas (quer como agressor, quer como vítima) por parte dos adolescentes do sexo masculino são mais elevados, relativamente às adolescentes, sendo que essas diferenças entre sexo são estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ).

No que se refere à relação entre conhecimentos – com recurso à utilização da CVRI-S – e comportamentos de vitimização e perpetração da violência verificamos que as adolescentes que não apresentaram comportamentos de abuso sexual sofrido tiveram um maior número de respostas corretas ( $36,4 \pm 5,3$ ) do que as que referiram ter sido vítimas de abuso sexual ( $33,5 \pm 4,8$ ), tendo estas diferenças significado estatístico ( $U = 217.000$ ;  $p = 0,028$ ). De salientar, igualmente, que as adolescentes perpetradoras de violência demonstraram, em média, menor nível de conhecimentos ( $33,4 \pm 5,5$ ) do que as que referiram não ser perpetradoras ( $36,6 \pm 4,8$ ), tendo as diferenças significado estatístico ( $U = 242,500$ ;  $p = 0,044$ ).

#### IV. DISCUSSÃO

Verificamos que os adolescentes que participaram no estudo iniciaram relações de intimidade com 11,3 anos (em média). Estes resultados indicam um início de relações de intimidade numa idade ainda mais precoce, comparativamente com os resultados de estudos com adolescentes da mesma faixa etária da zona centro do país, onde, neste caso, apresentaram o início de relações de intimidade com idade média de 13 anos (Fonseca, 2015). Estes resultados parecem expressar diferenças de género, quanto ao padrão sexual e às relações afetivo-sexuais, convergindo com resultados obtidos noutra estudo realizado com adolescentes portuguesas com 13,8 anos (média), verificando-se também que mais de metade já haviam tido relações amorosas, sendo as adolescentes quem mais referiu nunca terem tido relacionamentos amorosos (Beserra et al., 2016). Ou seja, os adolescentes do sexo masculino iniciaram mais cedo as relações de intimidade e a atividade sexual, e têm maior número de namoradas e de parceiras sexuais, comparativamente às adolescentes com a mesma idade. Salientamos ainda o início muito precoce de relações afetivo-sexuais e o número elevado de parceiros referidos pelos adolescentes, o que reforça os resultados obtidos por Antunes e Machado (2012). Sustentadas em vários autores, estas autoras referem ainda que os comportamentos violentos nas relações de intimidade tendem a aumentar com o número de relacionamentos mantidos.

Contudo, ao responderem à CADRI – que nos permite caracterizar as suas relações face à violência e às estratégias que utilizam para resolver os seus conflitos - verificamos que mais de 90% dos adolescentes perpetraram ou sofreram pelo menos uma das naturezas da violência. Estes resultados são convergentes com os referidos por Minayo et al (2011) que revelou que 86,9% dos participantes já tinham sido vítimas e 86,8% já tinham praticado algum tipo de agressão – física, sexual ou psicológica - durante as relações de intimidade. Os mesmos autores verificaram ainda que 76,6% dos adolescentes foi ao mesmo tempo vítima e agressor, o que também vem de encontro aos resultados encontrados no presente estudo.

Sabendo que a literatura refere que a ocorrência de violência no namoro se assume como referência para as relações futuras - sendo preditoras de violência conjugal - e sabendo que vários estudos convergem nas elevadas percentagens de vitimização e (ou) perpetração em fases tão precoces da vida, consideramos estes resultados muito preocupantes (Minayo et al., 2011; Leitão et al., 2013; Caridade & Machado, 2013; Beserra et al 2016) e que nos devem conduzir a intervenções de prevenção primária.

À semelhança de outros estudos verificou-se também um padrão bi-direcional na violência, onde o mesmo indivíduo agride e é agredido (Antunes & Machado, 2012; Minayo et al., 2011). Face a estes resultados parece-nos poder afirmar que a violência se apresenta como uma forma de comunicação entre os adolescentes, que alternam os papéis de perpetrador e de vítima (Minayo et al., 2011).

Quanto há utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas / negativas e positivas, verificamos um padrão assimétrico. Ou seja, os adolescentes do sexo masculino utilizam mais estratégias de resolução de conflitos - abusivas / negativas e positivas - quer como agressores, quer como vítimas, comparativamente com as adolescentes, tendo esta diferença significado estatístico. No estudo realizado por Saavedra (2010) também se verificaram diferenças comportamentais em função do género, mas neste caso diferentes das encontradas no nosso estudo. Ou seja, as adolescentes relatam maior utilização de estratégias negativas e consideram, também em maior grau, que os seus parceiros fazem uso destas estratégias. Relatam ainda utilizar mais estratégias de resolução de conflitos positivas, considerando que os seus parceiros também fazem mais uso destas estratégias. Suportada em diferentes autores, Guerreiro et al (2015) refere que estas diferenças justificam a necessidade de programas de intervenção centrados nas questões de igualdade de género.

## V. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos com o presente estudo permitiram-nos conhecer melhor a VPI entre adolescentes, especificamente as características das relações afetivo-sexuais e as estratégias de resolução de conflitos positivas / não abusivas e abusivas que utilizam, bem como, os conhecimentos que detinham sobre a VPI.

Muita desta violência continua a não ser identificada pelos adolescentes nas suas relações de intimidade, pois, *à priori* não se assumem nem como agressores nem como vítimas. Esta identificação só foi possível através da pesquisa de comportamentos muito específicos de vitimização e perpetração. Questionamos se a naturalização e / ou banalização destes comportamentos os poderão estar a legitimar, tornando ainda mais difícil evitá-los e/ou eliminá-los.

Verificou-se que há relação entre o conhecimento e a violência nas relações de intimidade para as adolescentes. Especificamente as adolescentes que são perpetradoras de violência têm menos conhecimentos sobre VRI e as que não sofreram violência sexual têm mais conhecimentos. Os resultados encontrados reforçam os achados da literatura ao referirem que

os adolescentes do sexo masculino têm menos conhecimentos sobre a VPI do que as adolescentes. E verificamos também que ter mais conhecimentos sobre VPI reduz a possibilidade de ocorrência de algumas formas de VRI, especificamente das adolescentes, quer como vítimas, quer como agressoras. Parece-nos então poder concluir que o conhecimento é um fator protector, especificamente para as adolescentes, empoderando-as para atitudes preventivas.

À semelhança de outros estudos concluímos que a perpetração e a vitimização da VPI entre adolescentes é um fator preocupante que necessita de intervenções preventivas. Contudo, consideramos importante ser realizado um diagnóstico que identifique os fatores individuais, familiares e socio-comunitários que se assumem como risco e / ou proteção para a ocorrência desta violência e que devem suportar os programas a implementar.

Importa então desenvolver intervenções de prevenção primordial / universal e primária com os adolescentes, de modo a controlar os fatores de risco e a potencializar os fatores protectores da VPI. Atendendo ao início cada vez mais precoce das relações de intimidade é fundamental que as intervenções decorram antes dos adolescentes iniciarem as relações afetivo-sexuais, repletas de vulnerabilidades, que vão servir de referência para as suas relações conjugais futuras.

Os enfermeiros como profissionais de saúde de primeira linha e devem estar capacitados para liderar ou integrar equipas promotoras de programas de prevenção primária da VPI, com especial enfoque nas escolas

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes J, Machado C. Violência nas relações de intimidade de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 2012; 30(1-2), 93-107.

Beserra M, Leitão MN, Fabião J, Dixe MA, Veríssimo C, Ferriani MG. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 2016; 20(1), 183-191.

Bowen E, Walker K. *The Psychology of Violence in Adolescent Romantic Relationships*. London: Palgrave Macmillan; 2015.

Caridade S. *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens* (Tese de doutoramento). Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, Braga; 2008.

Caridade S, Machado C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 2013; Vol. XXVII (1), Edições Colibri, Lisboa, pp. 91-113.

Fonseca C. *Violência no namoro e atitudes associadas: estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra; 2015.

Guerreiro A, Pontedeira C, Sousa R, Magalhães MJ, Oliveira E, Ribeiro P. Intimidade e violência no namoro: reflectir a problemática nos/as jovens. In P. Casaleiro, P., Branco (Orgs), *Cescontexto: Atas do Colóquio Internacional @/s jovens e o crime – transgressões e justiça social*. (10, pp.14-26). Coimbra, Portugal: Ces; 2015.

Leitão M, Fernandes M, Fabião J, Alegre M, Veríssimo C, Dixe M. *Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - fazer diferente para fazer a diferença*. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; 2013.

Minayo MSC, Assis SG, Njaine K. *Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fio-Cruz; 2011.

Saavedra R. *Prevenir antes de remediar: prevenção da violência nas relacionamentos íntimos juvenis*. (Tese de doutoramento). Universidade do Minho, Braga; 2010.

Schub T. *Intimate Partner Violence: an Overview*. Cinahl Information Systems, Glendale, CA; 2016.

Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D, Wekerle C, Grasley C, Straatman A L. Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychol Assess*, 2001; Jun;13(2):277-93.

WHO. *Responding to intimate partner violence and sexual violence against women: WHO clinical and policy guidelines*. Geneva: World Health Organization; 2013.